

Paixão de Cláudia: As narrativas para além do periodismo

AUTOR: Magno Rodrigues FARIA (FACON-SP)

AUTOR: Giuliano Siqueira TIERNO (UNESP-SP)

E- mail: magno84@gmail.com

Resumo: *O presente artigo por meio da manifestação pública artística “A paixão de Cláudia” realizada em abril de 2014, analisa a relação da narração de histórias com a imprensa, a banalização de notícias/histórias em prol da dita velocidade de informação e da mercantilização de notícias, bem como tece a realização da manifestação como um contraponto ao periodismo – grande dispositivo moderno para a destruição generalizada da experiência (BONDIA, 2002).*

Palavras-chave: *Racismo. Imprensa. Paixão de Cláudia. Narração de histórias. Manifestação Pública.*

1. Introdução

É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Uma das causas deste fenômeno é evidente: as ações da experiência estão em baixa. E tudo indica que continuarão caindo em um buraco sem fundo. Basta olharmos um jornal para nos convenceremos de que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a do mundo moral sofreu transformações que antes teríamos julgado como absolutamente impossíveis.

Walter Benjamin. O narrador

Após manifestação por meio de redes sociais, um grupo de pessoas e coletivos de São Paulo (mulheres negras em sua grande maioria) estavam empenhados em realizar no feriado da *Paixão de Cristo*, em 2014, um evento chamado *Paixão de Cláudia*.

O evento consistia, de maneira geral, em uma homenagem à Cláudia Silva

Ferreira, de 38 anos, moradora da comunidade Congonha, em Madureira, Rio de Janeiro, atingida por uma bala perdida disparada por agentes da Polícia Militar no dia 14 de janeiro do mesmo ano. Foi socorrida pela mesma ainda em vida e arrastada por cerca de 350 metros pela viatura, chegando ao hospital, morta e com partes de seu corpo em carne viva.

A manifestação pública que se constituiu em uma romaria entre duas igrejas no centro da cidade, “*tendo a arte como viés estético, conceitual e reivindicador*” (FELINTO, 2014, p.64), contou com a participação de cerca de 800 pessoas.

Eu estava nesta manifestação e algo me causou curiosidade quando estava caminhando na Rua Xavier de Toledo e à frente olhei para trás. Uma força no olhar, no caminhar e no vestuário dos manifestantes trazendo algo de incomum ao cotidiano – além das rosas vermelhas sendo distribuídas e carregadas pelo trajeto e do fato de que era uma manifestação pública.

Quis saber a história de vida de cada um que ali estava, seja caminhando, ou atuando como *performers* e, configurando ali uma possibilidade significativa de uma pesquisa na área de narrativas e memória pessoal. O que fez com que cada um parasse seus afazeres cotidianos e dedicasse um tempo de suas vidas para viver aquele momento? O que ocorreu para que houvesse esta suspensão no tempo para realizar uma manifestação contra a violência policial em populações de favela, sobretudo para com a população negra?

Ao pensar sobre esta possibilidade de estudo havia algo que a precedia. A história de Cláudia.

Todos estavam reunidos para afirmar indignações: mais uma morte na favela, mais uma morte de uma mulher negra, mais uma morte tratada como número nas estatísticas. E algumas das questões pontuadas durante a divulgação e o ato em si foram a não repercussão da morte de Cláudia, sua não identificação nas manchetes das notícias¹ e a não propagação do próprio ato em si por meio da chamada grande mídia, tarefa realizada pela mídia alternativa. Já à sensacionalista coube a disseminação do vídeo amador que mostra o instante em que Cláudia está sendo arrastada pela viatura.

De acordo com Mino Carta (FURTADO, 2014a), um jornalista :

teoricamente oferece aos leitores a oportunidade de confrontar opiniões, de ouvir versões e de também conhecer aquilo que eu chamo de verdade factual. A fim de formar sua própria posição em relação aos fatos da vida e do

¹ A expressão “mulher arrastada por carro de polícia” foi a maneira que a imprensa de internet utilizou para reportar à Cláudia.

... mundo. (31”)

Partindo desta fala configura-se, então, um problema quando as histórias que lidam com a vida a tratam de maneira banal, tratando esta desvalorização como algo da ordem do corriqueiro, do normal. Muitas das vezes são omitidas, impossibilitando posições acerca dos acontecimentos que assolam uma população e não permitindo a divulgação de uma informação para a tessitura de narrativas.

Neste sentido, entre tantas possíveis perguntas, há uma em relação ao que aconteceu com a morte de Cláudia. Se em sociedades ancestrais africanas (HAMPATE BÁ, 1980), os tradicionalistas *doma* noticiavam assuntos de interesse de determinado povo, conhecendo as pessoas a que se reportavam, em certa instância, a grande mídia na sociedade contemporânea possui um papel importante na veiculação do novo, das notas, portanto das histórias e de narrativas de uma comunidade.

Como uma notícia que em termos trágicos existem às centenas nos atuais meios de comunicação, sobretudo quando se referem aos “não lugares”² virou assunto, reflexão, reuniões e uma conseguinte ação? Configurada, então, com um caráter de exceção se observarmos a quantidade de homicídios da população negra que, muitas das vezes, sequer é narrada.

Outro ponto a ser analisado neste artigo é a maneira sensacionalista que a morte de Cláudia foi veiculada pela internet por meio de um vídeo amador que mostra o momento em que ela é arrastada pela viatura policial, reiterando o que segundo Türcke (2010):

(...) Não é mais suficiente que os acontecimentos sejam por si só explosivos, confeccionados de forma chamativa, ou que tenham as manchetes gritadas como nas edições extras de outrora; o meio audiovisual necessita mobilizar todas as forças específicas de seu gênero e ministrar a notícia com toda a violência de uma injeção multissensorial, de forma que atinja o ponto que almeja: o aparato sensorial ultrassaturado dos contemporâneos. (p. 19)

Para traçar o caminho da morte de Cláudia até o evento *A paixão de Cláudia*, faz-se necessário dar um panorama da paisagem que o circunscreve. Neste artigo será analisada a relação da narração de histórias com a imprensa, a banalização de notícias/histórias em prol da dita velocidade de informação e considerar esta manifestação pública artística como uma maneira de pensarmos as narrativas como um

² Expressão trazida pelo filósofo alemão Cristoph Türcke (2010) para evidenciar espaços não noticiados tais como periferias e favelas.

evento que potencializa experiências e contraponto quando Jorge Larrosa, evocando Walter Benjamin diz que “*o periodismo é o grande dispositivo moderno para a destruição generalizada da experiência.*” (BONDÍA, 2002, p.22)

2. Histórias, narração de histórias e notícias

Conversa entre minha mãe, uma das minhas irmãs e eu.

Magno - Mãe, você lembra quando eu lia jornal?

Mãe - Ô, toda vez que podia, você parava na banca de jornal...

Juliana - Lembra quando você deixou eu ser atropelada porque ficou lendo e esqueceu de me dar a mão?!

Mãe - Sem contar que gostava de comprar o jornal de domingo.

Recordando a minha “tenra” idade, lembro-me dos fatos rememorados por minha mãe e irmã sobre um gosto particular de ler as manchetes de jornais. Há também a lembrança de comunicar o que eu lia, sobretudo as manchetes de esporte. Era comum tios e primos me perguntarem sobre os placares, próximas partidas, cores de uniforme, qual jogo seria transmitido no final de semana, se houve pênalti, escanteio, falta, punição por entrar com jogador irregular, impedimentos, rebaixamentos, probabilidades de ser campeão, público pagante, renda por jogo, transferências de jogadores e as sempre lamentáveis brigas de torcidas.

Contava o que eu lia, achando que era a verdade e uma sensação de importância por conta disso me fazia continuar a leitura das manchetes e detalhando em alguns jornais de domingo para continuar com esta função de em um primeiro momento informar e, conforme o ouvido do outro se disponibilizasse, de narrar grandes lances e histórias dos bastidores do jogo de futebol.

Outra recordação é a de dois trabalhos escolares referentes à análise de jornais.

Um, nas aulas de geografia do agora ensino fundamental II, tínhamos que fazer críticas semanais a uma reportagem qualquer do noticiário impresso que nos chamasse a atenção. A melhor crítica seria exposta à sala na aula seguinte. O que fazia eu me desvincular um pouco dos esportes, uma vez que a professora não escolhia muito esse tema.

Outro, bem impactante, foi um trabalho, na então quarta série do primário em que reclamava indignado da notícia de um jornal que anunciava a coligação do PT com o PSDB para o segundo turno, para evitar a eleição de Paulo Maluf ao governo do

Estado de São Paulo. Eu, sobrinho de petistas, havia entrado na campanha do primeiro turno e tinha tanto desgosto pelo Mário Covas, acompanhando todas as críticas que o, então candidato Zé Dirceu fazia a ele naquela época, que aos meus 10 anos, não entendi eles se aliando - confesso que ainda hoje não entendo muito.

Já no curso de Pedagogia, uma professora de metodologia de Ciências nos apresentou uma notícia de um jornal carioca em que tinham excluído o ensino de Ciências do Ensino Fundamental I para privilegiar o ensino de Língua Portuguesa e Matemática. Ficamos, durante quase quatro horas, debatendo quais seriam os impactos negativos e positivos desta decisão no ensino e qual seria nosso posicionamento após isso: promover debates públicos, passeatas, cartas de repúdio ao MEC. E ao final da atividade a professora, genialmente, revela que ela tinha inventado aquela notícia. Ficamos horas, discutindo algo que só pelo formato já se enghava como um fato, como uma verdade. Apesar de ser uma tendência em algumas discussões de currículo a supressão do ensino de Ciências.

Na biblioteca em que atualmente trabalho criei, influenciado direta ou indiretamente por essas memórias noticiosas, nessas narrativas construídas por meio de manchetes, imagens e reportagens, uma oficina chamada *Verdade ou Mentira*, em que apresento algumas notícias (veiculadas pela grande mídia, mídia alternativa ou inventadas por mim) e discutimos com crianças de 6 a 12 anos a veracidade do que está escrito. Notícias que vão desde um surreal espanto com a notícia por mim inventada “*A menina de boca furada que abandona a escola e vai ao circo*” até o comentário de um menino de 11 anos ao ver uma notícia sobre incêndio na favela do Jaguaré: “*tomara que esta seja mentira*”.

Tanto nesta oficina quanto em todos os outros exemplos dados da minha memória sobre este assunto, as notícias, sejam elas apenas em manchetes ou em grandes reportagens teceram narrativas do que seria o hoje. Verdadeiras ou não, imparciais, como muitos veículos se propõem, ou não, além de informar criaram e criam narrativas, promovem conversas e impressões sobre o que seria este mundo que habitamos. Evidenciam um panorama.

Todos os exemplos que foram dados configuram-se como exercícios de pausa. Uma suspensão no tempo para a análise delas fora do contexto veloz em que são noticiadas e muitas das vezes descartadas como algo que já passou e perdeu importância. A reportagem lida, relida, refletida por muitas vezes e discutida, trazida à oralidade, reunindo pessoas para o que está ocorrendo, perto ou longe, promovendo em

algumas vezes, ações. A notícia pode ser desmentida, claro. Mas, a ausência de espaços e o cotidiano atribulado, atrelados a outras questões tratadas neste artigo evidenciam que o dia a dia já não permite essas conversas, reuniões, debates e desmentidas.

Segundo o texto de Rui Barbosa, *A imprensa e o dever da verdade* escrito em 1920:

A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe oculta e tramam, colhe o que lhe sossegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceia ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça (BARBOSA, 1990, p. 37)

Analisando o que é visto nas bancas de jornais (ainda paro e fico lendo manchetes), nos programas de televisão, nos veículos internéticos, o que é compartilhado nas redes sociais, a impressão que fica é que são verdades, revelação de fatos a partir de uma ótica única. Utilizando a citação de Rui Barbosa parece que estão evidenciando alguns temas que a “Nação” deveria estar atenta, que há um algoz que “malfaz” o dia a dia das pessoas. Que há alguém que sempre “cerceia e destrói” seja “perto ou longe” questões que “ameaçam” as nossas e as outras vidas: o mundo. E uma consequente omissão de notícias que fogem deste preestabelecido.

Em uma reunião intitulada, graciosamente, de *Quintal das palavras*, o irmão de um amigo que fez um estudo de imersão em uma tribo indígena na região norte brasileira, trazendo as suas vivências narradas, experimentadas através de iguarias compartilhadas e uma peculiar cachaça de Jambu, trouxe-nos as novas deste lugar, suas impressões e próximos passos. Paramos para ouvi-lo e não duvidamos do que dizia. Era o espaço do acreditar. Acreditar no que se configuravam como suas mais vivas impressões. Foi uma noite somente para isso. Uma suspensão no tempo para, de certa forma, entendê-lo.

Ninguém é contador de histórias a menos que possa relatar um fato tal como aconteceu realmente, de modo que seus ouvintes, assim como ele próprio, tornem-se testemunhas vivas e ativas desse fato. Ora, todo africano, é até certo ponto, um contador de histórias. Quando um estrangeiro chega a uma cidade, faz a sua saudação, dizendo: Sou vosso estrangeiro. Ao que lhe respondem: Esta casa está aberta para ti. Entra em paz”. E em seguida: “Dá-nos notícias”. Ele nos passa, então, a relatar toda a sua história, desde quando deixou sua casa, o que viu e ouviu, o que lhe aconteceu, etc, e isso de tal modo que os seus ouvintes acompanham em suas viagens e com ele as revivem” [grifos meus] (HAMPATÉ BÂ, 1980, p. 215)

Amadou Hampaté Bâ realiza em seu texto *A tradição viva* um sério relato sobre costumes de comunidades africanas calcadas na tradição oral. Dentre outros conhecimentos, mostra-nos a figura do tradicionalista *doma* que tem na palavra, na

oralidade, a função de comunicar o seu povoado. Diferentemente dos griots “*que podem ter duas línguas*” o tradicionalista *doma* “*grandes ou pequenos, obrigam-se a respeitar a verdade. Para eles, a mentira não é simplesmente um defeito moral, mas uma interdição ritual cuja violação lhes impossibilitaria o preenchimento de sua função.*” (BÂ, 1980, p. 189) Embora, apesar disso, não deixam de ser grandes contadores de história. Há nesta situação uma preocupação com o que será falado, sua veracidade e o detalhar de gerações, as genealogias, segundo o autor.

Aqui é possível observar que há um ponto de intersecção entre o contar histórias e o noticiar, o trazer o novo. É algo comparável também com a função que eu tinha quando pequeno ao relatar o mundo do esporte e era escutado avidamente e, ao mesmo tempo, pacientemente pelos meus tios e primos. Nas palavras de Hampaté Bâ eu era o “*detentor da palavra*” e eles os “*depositários de palavras*”.

Os noticiários (impressos, televisivos ou internéticos) ocupam, de certa maneira, este espaço do tradicionalista *doma*, do contador de histórias do cotidiano. São neles que nos informaremos sobre assuntos que são próximos ou distantes do corriqueiro dia a dia.

Ao voltar de férias, um jovem que frequenta a biblioteca onde trabalho veio com as seguintes indagações:

- *Magno, me explica algumas coisas que estou vendo e não estou entendendo: o que é Operação Lava a Jato, qual é a mudança que ocorre com o fim do embargo dos EUA à Cuba, o que é o Estado Islâmico e o Putin. Ele é ditador?*

Ele, em conjunto com os seus três irmãos mais novos, que variavam de 8 a 13 anos, ficaram esperando outro ponto de vista, que poderia ser mais claro que o que está sendo veiculado. Para sair do campo da informação, buscando um conhecimento, uma significância para todas estas palavras que a imprensa “vomita” em seus noticiários. A biblioteca torna-se, neste momento, o lugar de suspensão do tempo, assim como uma grande roda de histórias.

Ao que podemos observar nas bancas de jornal, não somente eu, mas uma quantidade expressiva de pessoas param em frente a este ponto de encontro com o que é noticiado, com o que acontece no mundo, na cidade ou no bairro.

Em outra instância os programas televisivos com nomes assustadores como “Cidade Alerta” e “Brasil Urgente” tem uma alta audiência em televisões de estabelecimentos comerciais, com telespectadores quase que hipnotizadas querendo saber o que acontece, aconteceu e acontecerá.

A partir de todas estas considerações que evidenciam a necessidade de pausas, deste tempo para estarmos mais do que apenas informados; com espaços que pensem as notícias, seus encontros, suas reverberações; tempo para viagens - saber o que acontece no mundo – e um posterior momento para compartilhar estas impressões e pensá-las em grupo; podemos constatar que as notícias midiáticas, por conta da ausência destes lugares de reflexão, de conversa, de troca ocupam e fazem às vezes deste aspecto do ato de contar histórias em grandes cidades da sociedade contemporânea de maneira desenfreada, distanciando as possibilidades de que as notícias possam ser potentes histórias que condizem com o interesse de uma população em comum.

3. Notícias e a produção de realidades

As notícias e a reverberação delas, por contarem e comunicarem histórias apontando caminhos e escolhas acabam produzindo "realidades".

No documentário *O mercado de notícias* (FURTADO, 2014), uma quantidade expressiva de renomados jornalistas e repórteres negam, ao serem questionados, que todas as notícias e reportagens veiculadas são 100% confiáveis e verossímeis. Trazendo aqui a primeira grande distinção entre os periodistas e os tradicionalistas *doma*. Apesar da audiência contemporânea colocar-se como “*depositário de palavras*”, esperando o crível, o confiável, os “*detentores da palavra*”, neste documentário, assumem que estas palavras podem ser falsas.

Além desta questão a produção de realidades começa a ser perniciosa ao retratar histórias de acordo com interesses que não sejam a supracitada por Rui Barbosa. No mesmo documentário de Jorge Furtado, dentre vários casos investigados, o do ex-ministro dos Esportes Orlando da Silva de Jesus Júnior, foi alvo de denúncia por um destes “*contadores de histórias do cotidiano*”: a revista *Veja*. Além disto, teve quatro minutos e vinte e três segundos do espaço de um dos noticiários com maior audiência da televisão brasileira – o *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão. Conforme o documentário e também pesquisado no site *Pragmatismo Político* (2012), o mesmo noticiário, dedicou apenas vinte e oito segundos e uma pequena nota no meio da revista para dizer que Orlando foi declarado inocente pela Comissão de Ética Pública da Presidência da República, por absoluta falta de provas.

Ainda, nas entrevistas disponibilizadas pelo site do mesmo documentário, três jornalistas, em momentos distintos entraram em concordância em relação aos interesses

que a mídia apresenta e representa. Mino Carta, afirma que “(...) no Brasil, liberdade de imprensa é liberdade que os barões midiáticos tem de dizer o que bem entende. Verdade factual ou não pouco importa”(FURTADO, 2014, 29) Já Jânio de Freitas complementa esta ideia dizendo que “o jornalismo, num país como o Brasil, é feito por empresas capitalistas interessadas no lucro. O jornalista costuma pensar que um jornal é editado para fazer jornalismo. Não é não. Ele é editado para publicar publicidade. Que é o que dá dinheiro.” (FURTADO, 2014b, 49'32”) E em uma linha de raciocínio muito próxima, Paulo Moreira Leite argumenta sobre o poder exercido ao escolher alguns fatos noticiados. Ele acredita que “Imprensa é poder (...) você vai atrás de alguns fatos, não vai atrás de outros fatos, você publica alguns fatos, não publica outros. Você checa muito um fato e você não checa outro (...)” (FURTADO, 2014c, 10') de maneira intencional.

E aprofundando esta temática em seu livro *Sociedade Excitada – filosofia da sensação* Christoph Türcke (2010) diz que

(...) desde o século XVII, quando os panfletos esporádicos foram gradualmente se tornando jornais com tiragem regular, ou seja, quando se tornaram empresas que iriam à falência se o material noticiável se esaurisse, iniciou-se uma reviravolta significativa. O meio precisa ser semanalmente, depois diariamente, alimentado com matérias dignas de serem noticiadas, para que ele possa continuar a existir e, quando se torna questionável se os eventos correntes dizem respeito a todos, é necessário que se *faça* que digam. (...) A lei da base da lógica da notícia conduz à sua própria inversão: “A ser comunicado, porque importante” superpõe-se a “Importante, porque comunicado”. Essa superposição é o tributo sistêmico que o estabelecimento de empresas de notícias e seu gradual crescimento em uma rede de informação abrangente custou. Pode-se chama-la de perversão da lógica de notícia. (p.17)

Apesar destas constatações, os jornais e revistas de grande tiragem não assumem que estão representando os interesses que lhes convém – o financeiro como podemos averiguar com as citações acima – e que são representantes da “*perversão da lógica da notícia*” narrando com maior ênfase ou omitindo notícias que não sejam representativas destes interesses.

O que é observável ao longo de suas campanhas publicitárias em *slogans* como “um jornal a serviço do Brasil”, “de rabo preso com o leitor” ,“O jornal que mais se compra e que nunca se vende” - *Folha de São Paulo*; “a diferença é que o Estadão funciona”, “É muito mais vida num jornal”, “Quer saber? Estadão” grupo *O Estado de São Paulo*; e na Revista *Veja*, “Os olhos do Brasil”, “indispensável para o país que queremos ser”, “indispensável para o que você quer ser” e “quem lê *Veja* entende os

dois lados”, induzem que são fontes confiáveis, isentas e imparciais, como um grande tradicionalista *doma*, como é possível observar no relato de Renata Ucha³, diretora de marketing de *O Estado de São Paulo* que afirma que “*Essa campanha [do slogan “Quer saber? Estadão”] resgata a essência do Estadão: de trazer conteúdo com profundidade. Em meio a tantas notícias, as pessoas precisam consultar uma fonte confiável, como o jornal”*

4. Notícias, Periodismo e Experiência

Türcke (2010) apresenta-nos outro ponto nesta função empresarial/financeira dos noticiários e a inevitável produção de reportagens e notícias, vendidas como verdades factuais e criadoras de realidades que representam. Ele apresenta a ideia de “*alta pressão de notícias*”, referente a uma quantidade expressiva de notícias por minuto e de que estamos envolvidos em uma torrente que já não permite, quando imersos nela, discernir o que será pensado, refletido e questionado.

Os modernos confeccionadores de notícias precisam frequentemente decidir, em questão de minutos, ou mesmo segundos, quais notícias querem veicular. Eles têm pouca oportunidade para preocupar-se com as fundações teológicas de sua atividade. Mas, mesmo que saibam que a *res pública* [a coisa pública] há muito não corresponde àquilo que poderia ser vislumbrado em uma reunião de conselho, mas que se desdobrou em uma colcha de retalhos de milhares parágrafos, ações, opiniões e interesses, que por sua vez são filtrados e refletidos centenas de vezes pela mídia; mesmo que saibam que alcançam uma clientela limitada e que não atingem da mesma maneira sem tetos e corretores da bolsa de valores, donas de casa e professores universitários, nenhum deles deixa de ter alguma ideia do que seja uma notícia pura e simples.(...) Nenhum estabelecimento jornalístico funciona sem pressupor que haja a notícia imprescindível, a que deveria ser veiculada e a que poderia sê-lo.(p.15)

Segundo o filósofo alemão estamos sujeitos, para além de uma torrente de notícias, a uma torrente de excitação, porque não basta ser veiculada. Ela necessita ser percebida (*esse est percipi*), e os atuais meios de comunicação utilizam das mais variadas ferramentas para atingir os seus objetivos. Entretanto a

(...) torrente de excitação,(...) representa estímulo *demais*. Ela coloca o organismo na situação paradoxal de não ser mais capaz de transformar os puros estímulos em percepção. Deve-se tomar, aqui, o termo “torrente” em um sentido mais literal do que normalmente se faz. Quando se está sob uma torrente de água, os sentidos de equilíbrio e de orientação, ou seja, uma

³ “ Extraída do site: <<http://blogs.estadao.com.br/jt-seu-bolso/nova-campanha-do-%E2%80%98estadão-%E2%80%99-estreia- hoje/>> (25.03.12)

camada profunda do sentimento de si próprio, ficam vitalmente afetados. Quem é pego em um redemoinho tem a cada instante um aqui e agora diferente. No entanto, não pode localizar-se, orientar-se e, muito menos, apresentar-se. O afogamento na torrente de estímulos é parecido. (ibidem. p.66)

Ao entrar nesta torrente, correndo o risco de nos afogarmos, a banalidade perante as notícias é algo decorrente e recorrente. Elas já não são histórias que nos acometem, são só informações. Elas perdem a conexão com aquele que conta e aquele que escuta ou lê. Se de acordo com Larrosa (2002, p. 21), concordarmos que “*a experiência é aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca*” ela finda na atual maneira de como as coisas são reportadas ou pela grande imprensa, ou pela mídia sensacionalista.

Tecendo a relação entre as notícias sensacionalistas - estas que buscam se sobressair às histórias que poderiam ser experiências e dignas de pausa e reflexão - e sua mercantilização, Marcondes Filho (ANGRIMANI, 1995) diz como esta banalização da experiência vai se propagando. Segundo este

(...)a prática sensacionalista [é] como nutriente psíquico, desviante ideológico e descarga de pulsões instintivas. Caracteriza o sensacionalismo como o grau mais radical de mercantilização de informação: tudo o que se vende é a aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. Esta está carregada de apelos às coerências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e ridicularizadora (...) No jornalismo sensacionalista as notícias funcionam como pseudo-alimento às coerências do espírito (...) O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e a apelativa e a enaltece. Fabrica uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma” (p.15)

Concluindo esta argumentação, Türcke (2010) diz que este “*bombardeio audiovisual faz os sentidos ficarem dormentes. As sensações criam a necessidade de outras mais fortes*” (p.68). Podemos pensar que o mesmo valha para a imprensa escrita. A pergunta que é inevitável neste momento é: Como não sucumbir a esta lógica?

5. Cláudia, matéria-prima para o sensacionalismo

Querida, eu sei que você me ama
Mas agora não reclama, eu tenho que ir
Não se esqueça de botar as crianças debaixo da cama na hora de dormir
Fica longe da janela e não abre essa porta, não importa o motivo
Por favor, meu amor, eu não quero encontrar você morta se eu voltar pra casa
vivo
Mas se eu não voltar não precisa chorar
Porque levar uma bala perdida hoje em dia é normal
Bem mais comum do que morte natural
Nem dá mais capa de jornal

Tchau! Se eu demorar, não precisa me esperar pra jantar
E pode começar a rezar
Pra variar estamos em guerra
Pra variar...
(Gabriel, o Pensador, 1995 – Bala Perdida)

Janeiro de 2014. Uma história chega aos noticiários. Mais uma história dentre tantas outras veiculadas pelos meios de comunicação. Daquelas que nem são “capas de jornal”. Seria tratada como apenas uma pequena nota. Mais uma pequena nota. Seria mais uma morte se não fosse a veiculação de um vídeo que mostra um destrato explícito com o ser humano. Uma mulher sendo arrastada por um carro de polícia. Este carro que deveria proteger, estava, mais uma vez como tanto se ouve nos noticiários e tanto se vê nas periferias e favelas, não cumprindo a sua função na sociedade. O vídeo mostra-nos um porta mala aberto, guiado por três policiais que não percebem que este abriu. Que abriu e que uma pessoa, ferida gravemente, estava pendurada por uma corda e sendo arrastada por cerca de 300 metros. Não perceberam também que Cláudia não deveria estar no porta-malas, assim como diz a lei, feridos ficam no banco dos passageiros. Mas, não com Cláudia. E este vídeo veiculou algo, que segundo relato de moradores de favelas e periferias, é algo comum. Os policiais não cumprindo o que seria “*um dos principais valores da corporação, que é a preservação da vida e dignidade humana*”⁴.

A reality-TV é um verdadeiro progresso nessa linha [a de bombardeio audiovisual]. Estar ao vivo o mais possível quando casas pegam fogo, aviões caem, pilotos de carros sofrem acidentes, quando se fazem reféns. Produzir o calafrio de uma vivência autêntica: isto aqui não foi montado, é de verdade.
(TÜRCKE, 2000, p.68)

Mas, os vídeos também não são tão raros. E a tendência é que não choquem mais. Eles, conforme mostrado até aqui, não tem a intenção de tecer histórias, narrativas e possibilitar experiências. Vende-se jornal, ganha-se audiência. Marketing.

É uma notícia que é veiculada no Jornal Extra, no Diário de São Paulo, no Agora. Versões ditas populares de grandes jornais. Já estes não publicaram nada em suas capas de jornal.⁵

Moradores pegam pedras, pneus pra queimar,

⁴ Nota da Polícia Militar/RJ após incidente com Cláudia <<http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questao-racial/violencia-racial?start=34>>

⁵ Conforme pesquisado no Acervo Online dos jornais “Folha de São Paulo”, “O Estado de São Paulo” e “O Globo”

as portas de aço do comércio começam a baixar.
Via expressa interdita, nossa ONG vai protestar,
5 viação bola branca começam a queimar.
Uma loja de eletrônicos não fechou foi saqueada,
subiu Web Cam, Hand Cam, Phillip's plasma.
Cherokee capotada com motorista no volante,
o CHOQUE solta o rottweiler pra desfigurar manifestante.
No jornal o ancora dá exclusiva,
moradores orquestrados pelo tráfico em confronto com a polícia.
(Facção Central, Bala Perdida)

As notícias nestes casos já são *scripts* conhecidos de quem está um tanto atento à repetição que isto ocorre. Notícias efêmeras. Notícias que usam números, que não são propulsoras de histórias e permissíveis de ações que façam que algo como a morte desenfreada de uma parte da população não seja banal⁶. Mata-se, porque é traficante (ou conivente com o tráfico), porque é alcoólatra, porque é favelado, porque é negro, porque é negra. Contudo, como frisou Renata Felinto,

Sem conservadorismo, entretanto, contrariando todas as estatísticas e , especialmente, vivências do povo negro, havia ali um rompimento com um círculo histórico familiar que acomete o segmento negro da população. Ali existia uma família, um núcleo familiar nos padrões tradicionais com mãe, pai, filhos e agregados. Contrariando a realidade de mulheres negras mães sozinhas; de crianças negras abandonadas; de pais negros alcoólatras, presidiários ou desempregados. Ali havia uma rara família negra estruturada, ainda que, com poucos recursos financeiros, e que à despeito de todos os dispositivos do sistema para eliminar negros e negras, seja psicologicamente, seja carnalmente, eles conseguiram se manter unidos. (O MENELICK, p. 64)

A morte de Cláudia Silva Ferreira, chegou ao público que não mora no Morro Congonha/RJ através da exibição de um vídeo amador veiculado pelo jornal carioca Extra – e talvez só por isso tenha chegado. O vídeo foi indexado a vários outros meios de comunicação online com as seguintes manchetes:

'Trataram como bicho', diz marido de mulher arrastada em carro da PM⁷
Mulher arrastada temia que filhos fossem confundidos com traficantes⁸
'Estava com a perna em carne viva', diz amigo de mulher arrastada no Rio⁹
Viatura da PM arrasta mulher por rua da Zona Norte do Rio. Veja o vídeo¹⁰

⁶ Segundo o Mapa da Violência de 2012, constata que, no Brasil, se mata majoritariamente negros com números de 41.127 negros ante 14.928 brancos, e que o número de negros mortos era da ordem de 29.656 em 2002. http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf

⁷ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/trataram-como-bicho-diz-marido-de-mulher-arrastada-em-carro-da-pm.html>

⁸ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/filho-de-mulher-arrastada-no-rio-diz-que-mae-tinha-medo-de-bala-perdida.html>

⁹ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/estava-com-perna-em-carne-viva-diz-amigo-de-mulher-arrastada-no-rio.html>

*Mulher é arrastada por carro da PM após ser baleada em favela do Rio*¹¹

*Dilma: morte de mulher arrastada por viatura chocou o país*¹²

*Seis PMs são indiciados no caso da mulher arrastada por viatura*¹³

*Pms presos por arrastar vítima estão envolvidos em 62 ações que resultaram em morte*¹⁴

*Juíza manda libertar policiais que arrastaram mulher em viatura no Rio*¹⁵

De maneira geral, nas notícias veiculadas à época, o anonimato e a substituição do nome de Cláudia por “mulher arrastada” tornou-se comum.

Como contraponto na própria imprensa, o que é mais um fato que chama atenção, foi a também lamentável morte, no ano de 2007, de João Hélio, um menino, que também foi arrastado por um carro e teve seu nome repetido incontáveis vezes. Menino branco de classe média.

O que reforça que além de que algo é noticiado porque é vendável, que tudo não passa de uma questão de marketing, ao não nominar podemos pensar que é só mais um que morre. É só mais um que não vai vender tantas notícias, é mais um que não tem representação na sociedade. E esse mais que morre tem cor. A cor negra.

Não pode ser apenas um dado estatístico o fato de que a cada 100 mil negros, 36 morrem, ante 15,2 para os não-negros. E que ao nascer o homem negro perde 1,73 ano de vida, ao mesmo que os não-negros perdem 0,81.(CERQUEIRA, D. & MOURA, R. 2013)

Cláudia era moradora de uma região que é exibida nos noticiários por conta das trágicas e lamentáveis notícias de morte, segundo Türcke (2010) “quando tais áreas repentinamente caem sob os holofotes da opinião pública, isso se dá, na maioria das vezes, de uma forma tão brutal quanto a ignorância sob a qual antes vegetavam (...)”(p.59). Além destas não comunicações de determinadas regiões por parte daqueles que deveriam oferecer, dados, como os apresentados até aqui, evidenciam que a população negra morre e que isso não é veiculado.

¹⁰ <http://extra.globo.com/casos-de-policia/viatura-da-pm-arrasta-mulher-por-rua-da-zona-norte-do-rio-veja-video-11896179.html#ixzz3RBOL93KS>

¹¹ <http://noticias.uol.com.br/album/2014/03/17/mulher-e-arrastada-por-carro-da-policia-apos-ser-baleada-em-favela-do-rio-de-janeiro.htm>

¹² <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/dilma-morte-de-mulher-arrastada-por-viatura-chocou-o-pais/>

¹³ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/05/seis-pms-sao-indiciados-no-caso-da-mulher-arrastada-por-viatura-4498743.html>

¹⁴ <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pms-presos-por-arrastar-vitima-estao-envolvidos-em-62-aco-es-que-resultaram-em-morte,1142367>

¹⁵

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/Ju%C3%ADza%20manda%20libertar%20policiais%20que%20arrastaram%20mulher%20em%20viatura%20no%20Rio>

Conclui-se então, que Cláudia referendada como “mulher arrastada” é um ato de que não importa a sua história. Não importa, de fato, que tinha quatro filhos e que cuidava de mais quatro. E que não importa porque, dentre outros motivos mostrados até então, é negra. É mais um dado nas estatísticas. É algo passageiro e que não tem uma função de suspensão no tempo, e não foi “eleita” digna de uma pausa para reflexão pelo mercado. E, mais, caiu nesta torrente de notícias que se superpõem e se esvanecem.

6. Paixão de Cláudia ou a volta às narrativas

“isso está tão profundo em nossas mentes e em nossos corações que a gente não percebe mais,(...) você tem o mar, o céu, o sol, a floresta, a lua... e os negros fora.

Marilena Chauí.¹⁶

Com uma mídia que, como visto até aqui, tem o lucro como prioridade e a torrente de notícias como sua sobrevivência e maneira de se articular na sociedade, bem como a representatividade dos grupos que ela defende, pessoas e histórias que não condizem com isso ficam do lado de fora, e na atual sociedade que vivemos “estar de fora é como estar morto em um corpo vivo – incompatível com a dignidade humana” (TÜRCKE, p. 59)

O evento “Paixão de Cláudia” ganha importância em diversas instâncias, sobretudo ao pautar e suspender, tirar da torrente desenfreada de aberrações uma notícia no meio de todas estas adversidades apresentadas, buscando sair deste estado dormente que a torrente desenfreada nos coloca.

Majoritariamente mulheres, negras e brancas, e alguns homens, negros e brancos, somaram-se em poucas semanas para organizar uma manifestação pública, um ato cultural que expressasse a nossa indignação, dor e amor, tendo a arte como viés artístico, conceitual e reivindicador. Dedicamos algumas poucas horas de nossas vidas a pensarmos em como realizar um ato cultural sem verba ou apoio financeiro das entidades tradicionais do movimento humano. Até mesmo elas estão anestesiadas ou paralisadas?(FELINTO, 2014. p.64)

O ato, com presença de cerca de 800 pessoas, pode ser comparado a uma retomada das narrativas, no sentido exposto neste trabalho por A. Hampaté Bâ e uma contravenção da falta de experiência provocada por esta mercantilização de notícias e o seu periodismo. Consiste em uma suspensão no tempo. Um reunir e mostrar

¹⁶ Entrevista à TV Correio Nagô, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kNFw5ADJfTc>>

publicamente que algo tem que ser feito.

Paixão. *sf.* 'sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão | Do lat. *passiōn-ōnis*: sofrimento. (CUNHA, 2010. p. 469)

Há quem diga que Jesus sofreu e morreu na cruz, por nós, seus descendentes. A analogia em cima do evento “Paixão de Cláudia” torna-se clara: Cláudia morreu e Cláudias, Amarildos, Josés, Franciscas e Severinos morrem por nós todos os dias.

O corpo, o atabaque, a cantoria, o caminhar, o carregar o cartaz, a dança, a ida de uma igreja a outra, a romaria, o ritual, a ancestralidade, as crianças, os artistas, ativistas em contato com o público através de uma narrativa definem uma maneira de sair da torrente, de não ser refém da grande e da sensacionalista mídia. A narrativa volta ao público e este revive esta memória. Este que presta-se a partilhar desta romaria e todos os símbolos que ela representou e representa teve uma percepção distinta do que em geral temos ao apenas abrir as páginas do jornal ou escutar como um rebanho o âncora do programa de televisão. A possibilidade de tecer experiências que o evento coloca e sua reverberação. A possibilidade de viver ou reviver rituais ancestrais. De sentir junto e fazer junto – momentos que são rarefeitos nesta cidade e em tantas outras. E pensar em outras ações, afinal, concordando com Dica L. Marx:

o time de uniforme cinza continua invicto, além de ser o time com a maior torcida. Afinal, é o time do apresentador idiota do telejornal, é o time das “pessoas de bem”, é o time até do governador. Uma vez ou outra, alguns torcedores dos times adversários questionam a liderança do campeonato, mas a ‘marcação é cerrada’, o time de uniforme cinza faz o que quer com as regras do jogo. Contra eles, até gol contra conta a favor. No replay, eles editam as imagens, mostram de um outro ângulo e se alguém reclamar, eles têm várias formas de “tirar-teima”. Primeiro são as “bolas de borracha”. Se machucar, nada como um pouco de “spray” que, aos olhos dos telespectadores, é refresco. Caso continuem teimando, um deles manda uma “bomba” que ninguém defende, afinal, ela é tão forte que tem efeito moral e desorienta o time adversário.

E, assim, o jogo segue com um a menos em campo. (MARX, 2012)

Os policiais envolvidos já foram soltos¹⁷ (em tempo, os envolvidos no caso João Hélio estão cumprindo pena até hoje¹⁸).

¹⁷ Conforme matéria publicada em <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/videos/t/edicoes/v/justica-liberta-os-pms-que-arrastaram-uma-mulher-em-viatura-da-policia-no-rio/3228446/>> e na Rede Brasil Atual <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/03/policiais-que-arrastaram-mulher-em-viatura-no-rj-sao-soltos-1912.html>>

¹⁸ Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2008/01/368324-juntos-acusados-por-morte->

Mas enquanto conseguirmos nos reunir, e pautar o que é o que nós enquanto grupo, enquanto comum e viventes de um determinado espaço queremos nos informar, quais narrativas são de nossos interesses e para os nossos interesses de grupo, enquanto pararmos para realizar manifestações públicas, indicar o que nos desagrada e o que gostaríamos que fosse feito, o jogo há de seguir. Em nome de Cláudia. Amém.

Referências Bibliográficas

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada – filosofia da sensação*. Campinas, SP. Editora Campinas, 2010.

FELINTO, Renata. *Paixão de Cláudia - A arte como instrumento de mobilização: sobre a força do ato cultural*. In: O MENELICK 2º ATO. Ano IV. Edição ZEROXII. São Caetano do Sul, SP. Mandelacrew Comunicação e Fotografia, 2014.

FURTADO, Jorge. *O mercado de notícias*. [DVD] Produção de Nora Goulart, direção de Jorge Furtado. Porto Alegre, RS. Casa de Cinema de Porto Alegre, 2014. 1 DVD, 94'

FURTADO, Jorge. O mercado de notícias - Entrevista Mino Carta. [vídeo] 2014a. Casa de Cinema de Porto Alegre. 29'57". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TNDNkGgpUVc>> Publicado em 01.12.14. Acessado em 22.02.15

FURTADO, Jorge. O mercado de notícias - Entrevista Janio de Freitas. [vídeo] 2014b. Casa de Cinema de Porto Alegre. 54'24". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Qy5ek6Z9Q2I>> Publicado em 26.04.14. Acessado em 22.02.15

FURTADO, Jorge. O mercado de notícias – Entrevista Paulo Moreira Leite [vídeo] 2014c. Casa de Cinema de Porto Alegre. 45'53". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gxLs2dnIYpE>> Publicado em 20.06.14. Acessado em 22.02.15

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

BARBOSA, Rui. *A imprensa e o dever da verdade*. São Paulo, SP. Edusp. 1990

HAMPATÉ BÂ, Hamadou – *A tradição viva*. In: História Geral da África I.

Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980, pp.181-218.

PRAGMATISMO POLÍTICO. *Inocência de Orlando Silva ganha 28 segundos no Jornal Nacional*. 19.06.2002 <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/06/inocencia-de-orlando-silva-ganha-28-segundos-no-jornal-nacional.html>> Acessado em 22.02.15

AMGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue – Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo, SP. Summus, 1995.

CERQUEIRA, D. & MOURA, R. Nota técnica – *Vidas Perdidas e Racismo no Brasil*.

Brasília, DF. Ipea. 2013. Disponível em <<http://www.clicrbs.com.br/pdf/15880466.pdf>>

Acessado em: 22.02.15

MARX, D. L. Tá lá um corpo estendido no chão ou Brasil, o país do futebol. 2012. Disponível em <<https://dicalmarx.wordpress.com/2012/04/16/256/>> Acessado em 07.03.15